

APRESENTAÇÃO

FOREWORD

DARLEI DALL'AGNOL¹
(UFSC/CNPq - Brasil)

VILMAR DEBONA²
(UFSC/Brasil)

Há vinte anos, o Núcleo de Ética e Filosofia Política da Universidade Federal de Santa Catarina decidiu criar a revista **ethic@**. O projeto era publicar trabalhos de excelência unindo as exigências das revistas tradicionais com as facilidades da divulgação online. Foi a primeira revista filosófica brasileira divulgada somente em formato eletrônico. Nesses anos todos, a **ethic@** publicou mais de uma centena de artigos destacando-se como um dos principais veículos de divulgação de pesquisas na área da Ética no sentido amplo, ou seja, incluindo artigos de Filosofia Política, Filosofia do Direito etc.

Coerente com este espírito inovador, este número publica agora o primeiro Dossiê Neuroética produzido no Brasil. Trata-se de uma área da ética aplicada que tem crescido enormemente tanto em pesquisas neurocientíficas sobre a moralidade quanto em discussões sobre questões propriamente éticas do afazer neurocientífico. O presente número foi o resultado de uma chamada especial e recebeu várias submissões. Apresentamos abaixo os artigos aprovados para publicação seguindo as regras de avaliação da revista de avaliação cega por pares.

O primeiro grupo de artigos trata de questões tradicionais da ética, por exemplo se temos livre arbítrio a partir das contribuições da neurociência. Em *The Limits of The Neuroscience of Moral Responsibility*, **Daniel de Vasconcelos Costa** analisa os famosos experimentos de Libet questionando a natureza das ações intencionais e as implicações dos testes que supostamente mostrariam que o nosso cérebro determina à vontade frações de segundos antes que tenhamos consciência e nos decidamos livremente a agir. O artigo deixa claro que essa tese é polêmica tanto conceitualmente quanto experimentalmente e então analisa a complexidade da noção de responsabilidade moral. Já no artigo *Mentes no bolso: considerações neuroéticas sobre a incorporação de aplicativos de*

smartphones na configuração do Self, discute-se, por um lado, a tese da materialização da mente em artefatos tecnológicos a partir do conceito de “mente estendida” e, por outro lado, as questões neuroéticas decorrentes de eventuais alterações na nossa mente pelo uso desses artefatos, por exemplo, aplicativos. O artigo de **Diogo Mochcovitch e Maria Clara Dias** termina apresentando algumas diretrizes para que o debate neuroético possa assumir um caráter mais preventivo dos problemas decorrentes dessas transformações no nosso modo de pensar a partir dos impactos dos novos artefatos tecnológicos.

Os três artigos seguintes tratam do tema do melhoramento cognitivo (*cognitive enhancement*, que pode ser traduzido também por aprimoramento ou aperfeiçoamento cognitivo). Em *Aprimoramento cognitivo: técnicas e controvérsias*, **Fabiana Cunha Leão Pompermayer, Murilo Mariano Vilaça e Maria Clara Dias** apresentam um panorama do estado da arte das discussões sobre drogas nootrópicas, estimulação transcraniana e neuropróteses (por exemplo, interfaces cérebro-computador). O artigo cumpre uma função não apenas de nos informar, mas apresenta, no final, uma série de desafios neuroéticos que teremos que enfrentar. O artigo *From the necessity of being human to the possibility of pursuing a good life: cognitive enhancement and the emergence of personhood*, **Giovana Lopes e Brunello Stancioli** fazem uma defesa bem argumentada do aprimoramento cognitivo, seja por meios naturais seja por via biotecnológica, como condição para a emergência da personalidade e da vida autônoma, mas também como bem público para a evolução da espécie e para o incremento do bem-estar social. Dado que alguns problemas continuam abertos, os autores sublinham a necessidade de novas pesquisas neuroéticas. Contrapondo-se a essa posição, **Lucas Vianna e Luiz Adriano Gonçalves Borges**, em *A filosofia transhumanista subjacente aos aprimoramentos neurocognitivos e o risco de fragmentação do bem comum*, procuram mostrar que o conceito liberal de bem comum presente na filosofia transumanista é vago e pode levar a consequências negativas. O artigo argumenta, enfim, que o bem comum previsto na filosofia transumanista carece de um preenchimento adequado que pode ser feito a partir de uma perspectiva aristotélica mais bioconservadora. A publicação de um trabalho pró e outro questionando o aprimoramento cognitivo produzirá, certamente, reflexões neuroéticas importantes sobre o tema e, esperamos, debates profícuos na neuroética.

O terceiro grupo de artigos trata de sentimentos morais. Em *O papel dos afetos na vida humana*, **Viviane Zaremsky Braga** apresenta alguns estudos que comprovam a importância dos afetos para o pensamento racional e para a manutenção e propagação de normas e regras morais.

Trata, enfim, de uma das mais importantes descobertas da neurociência da moral, a saber, a de que há uma estreita relação entre razão e emoção, uma tese que não é exatamente nova, mas está permeada de estudos neurocientíficos que a comprovam. E em *Problemas no uso de empatia em investigações sobre o comportamento moral*, **Matheus de Mesquita Silveira** destaca as confusões tanto na esfera acadêmica quanto na pública no uso das palavras *empatia* e *moralidade* como se fossem intersubstituíveis. Dada a multiplicidade de significados de “empatia”, o autor defende abandonar este conceito e procurar compreender a moralidade através dos conceitos ressonância emocional, preocupação empática e a tomada de perspectiva a partir das pesquisas neurocientíficas.

Os dois artigos seguintes têm em comum uma preocupação com temas relacionados com transtornos mentais ou de desordens de consciência. No trabalho de **Alcino Eduardo Bonella, Gabriela Franco de Almeida e Leonardo Ferreira Almada**, *Ética das pesquisas envolvendo pessoas com transtornos mentais maiores*, tem-se uma descrição da relação entre vulnerabilidade mental e o estabelecimento da capacidade de decisão racional e autônoma. Basicamente, o artigo examina se indivíduos com transtornos mentais maiores (por exemplo, transtorno depressivo maior) podem ser considerados racionais, autônomos e responsáveis. Os autores fazem algumas reflexões que sugerem problemas que precisam ser melhor aprofundados pela neurociência da ética e pela ética da neurociência. Já no artigo *The neuroethics of agency: the problem of attributing mental states to people with disorders of consciousness*, **Marco Azevedo e Bianca Andrade** argumentam que mesmo considerando a agência um marcador da consciência em casos de pessoas adultas, normais etc., há uma série de casos patológicos limites que mostram que ela não seria um bom critério, pois ainda atribuíamos pessoalidade a tais pacientes mesmo que não sejam capazes de agir. A neurociência da agência pode, de fato, levar a uma rediscussão do conceito de pessoa e, neste sentido, o trabalho faz uma contribuição relevante.

O quinto grupo de artigos discute questões relacionadas à terapia de problemas neurológicos. Em sua contribuição *Neuroética e COVID-19*, **Dall'Agnol** apresenta tanto alguns estudos neurocientíficos iniciais sobre o impacto no novo coronavírus no sistema nervoso central quanto reflexões neuroéticas para tratar das múltiplas sequelas da nova doença. Finalmente, aponta alguns erros e acertos no modo como estamos lidando com a pandemia no Brasil. Em *Ethical recommendations for music therapy in neurorehabilitation: impure a priori foundations and transpersonal holism*, **Tristan Guillermo Torriani** apresenta uma excelente discussão sobre a musicoterapia como forma de reabilitação neurológica. O artigo aprofunda

a discussão sobre a necessidade de musicoterapeutas justificarem seus métodos, adaptem seus materiais às necessidades dos pacientes e se esforcem para estabelecer as bases teóricas das intervenções que pretendem fazer.

Finalmente, em *Os novos desafios da ética da neurociência*, **Cinara Nahra** aborda alguns desafios que a ética da neurociência enfrentará nesta década que estamos iniciando. Questiona os possíveis usos militares ou privados feitos por grandes empresas de tecnologia do conhecimento adquirido pela neurociência em projetos como o *B.R.A.I.N. Initiative*. Na parte conclusiva, propõe uma reformulação da neuroética para colocar as neurotecnologias a serviço da humanidade.

O Dossiê Neuroética encerra-se com a resenha escrita por **Fernando Maurício da Silva** do livro *Towards Neurobioethics*. O livro resultou de palestras proferidas nos EUA com apoio da Fulbright e discute uma série de questões neuroéticas, em especial melhoramento cognitivo que pode ser então contrastada com as outras posições acima citadas.

Na qualidade de organizadores do Dossiê, ficamos felizes com o resultado da decisão feita pela equipe editorial, da chamada e do próprio trabalho de edição deste número.

A Seção Fluxo Contínuo deste número veicula cinco artigos de autores brasileiros e estrangeiros sobre temáticas diversas. **Lamont Rodgers** escreve *The role of nature in the self-ownership proviso*; **Richard Playford** escreve *Non-natural natural law: bridging the gap between Aristotle and Ross*; **Bárbara Buriel** e **Alessandro Pinzani** escrevem *For an immanent critique of a neoliberal form of life*; **Fernanda Belo Gontijo** escreve *Por que interpretar a teoria ética de Mill como um tipo de utilitarismo de atos*; e **Roberto Barros** escreve *Normatividade semântica e naturalismo: uma consideração das dimensões semântica e interpretativa de perspectivas normativas*.

Boa leitura e, principalmente, bons debates!

Notas

¹ Fundador e primeiro editor da *ethic@*; organizador do Dossiê Neuroética. Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, Santa Catarina. Bolsista do CNPq (1C). ORCID-iD: <https://orcid.org/0000-0003-4203-1094>; e-mail: d.darlei@ufsc.br.

² Editor da *ethic@*. Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. ORCID-iD: <https://orcid.org/0000-0002-0411-3358>; e-mail: v.debona@ufsc.br